

## A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A (IN)DISCIPLINA: SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

OLIVEIRA, Marisa Cristina Aparecida Manchini de  
Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –  
GARÇA/SP – BRASIL

GERZELI, Juliana Di Pietro  
Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –  
GARÇA/SP – BRASIL

### RESUMO

O presente artigo visa a ressaltar a importância dos atores envolvidos, sociedade, família e escola, com a questão da indisciplina escolar a repensarem o seu papel, bem como a reflexão do professor sobre o seu fazer pedagógico. Isto aliado a um maior conhecimento do desenvolvimento moral da criança e do adolescente, contribuindo para uma melhor relação professor-aluno; conseqüentemente, podendo resultar em benefícios para a diminuição dos comportamentos de indisciplina na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina; comunidade escolar; relação professor-aluno; reflexão pedagógica.

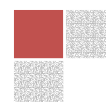
### ABSTRACT

The present article aims at to stand out the importance of involved actors society, family and school - with the question of the pertaining to school indiscipline to rethink its paper as well as the reflection of the professor on its to make pedagogical. This allied a bigger knowledge of the moral development of the child and the adolescent, contributing for one better relation teacher-pupil, being able to result in benefits for the reduction of the behaviors of indiscipline in classroom.

**KEY WORDS:** Indiscipline; pertaining to school community; relation teacher-pupil; pedagogical reflection.

## 1. INTRODUÇÃO

É grande o desafio que os professores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola, tanto pública como particular, todavia, com suas manifestações diversas. Sabemos que não se trata de um problema apenas brasileiro, apesar das peculiaridades encontradas aqui. Temos relatos, por exemplo, de agressão aos professores na França, por gangues estudantis; do alto número de mortes nas escolas públicas americanas, fruto da violência; das conseqüências nefastas da rígida disciplina japonesa, levando ao suicídio e à falta de criatividade (VASCONCELLOS, 1997).



A preocupação, portanto, estende-se a nível mundial, seja nos países da União Européia (França, Portugal, Espanha, Alemanha, entre outros que fazem parte do Observatório Europeu da Violência Escolar), seja nos Estados Unidos ou no Japão – existem grupos de pesquisadores estudando o fenômeno da violência escolar e o que denominam de microviolências, violências miúdas, ou de fatores de intimidação, que não são senão aspectos do que chamamos de indisciplina escolar (PAPPA, 2003).

Assim sendo, este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão, através de revisão bibliográfica, da importância dos atores envolvidos, da sociedade, da família e da escola neste quadro de indisciplina escolar. Busca, concomitantemente, levar tais atores a repensarem o seu papel junto aos alunos, assim como a uma reflexão, por parte do professor, com respeito ao seu fazer pedagógico, aliado ao aumento do conhecimento do desenvolvimento moral da criança e do adolescente, primando pela melhoria da relação professor-aluno.

## 2. CONTEÚDO

São muitas as causas da indisciplina escolar apontadas, dentre elas: a violência social, a pobreza, a influência exercida pelos meios de comunicação, o ambiente familiar, a falta de limite, a (des)organização da sociedade, o desinteresse do aluno decorrente da tecnologia que tem acesso fora da aula, traços de personalidade do aluno etc. (consideradas como causas externas à escola); o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola, a relação professor-aluno e as formas de intervenção disciplinar que praticam etc. (causas internas à escola).

Por este levantamento, podemos verificar como o problema da (in)disciplina atinge grande dimensão, estando ligado a uma realidade maior. A questão da (in)disciplina pede, para seu enfrentamento, a ajuda de um conjunto de áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicanálise, a

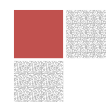


Ética, a Política, a Psicologia, a Economia, a História, a Tecnologia, a Comunicação Social, além dos próprios saberes pedagógicos (VASCONCELLOS, 1997).

Sem dúvida, são muitas as contribuições dos vários dimensionamentos conceituais dados à discussão da indisciplina na escola, dentre os quais destacamos os enfoques: psicanalítico, do desenvolvimento moral (Piaget e Kohlberg) e sócio-histórico (Vygotsky). Por outro lado, numa abordagem mais estritamente pedagógica, existem contribuições significativas com temas voltados aos problemas concretos da realidade escolar: indisciplina e violência no cotidiano escolar; as vicissitudes da relação professor-aluno; a apreensão escolar de temáticas controvertidas e, ao mesmo tempo, inadiáveis como o uso/abuso de drogas, sexualidade; fracasso e exclusão escolar; autoridade docente X autonomia discente; moralidade e indisciplina; a indisciplina e o sentimento de vergonha etc.. Dentre vários autores interessados no assunto, destacamos Júlio Groppa de Aquino, Yves De La Taille, Celso dos Santos Vasconcellos, Lino de Macedo, Ulisses Ferreira de Araújo.

Como se pode observar, são muitas as iniciativas para um maior entendimento e enfrentamento das questões relacionadas à indisciplina. Contudo, a tarefa não é fácil, posto que envolve vários atores – sociedade, família e escola – (co)responsáveis pelas causas de indisciplina. Porém, mesmo sabendo que são múltiplos os fatores envolvidos com as causas da indisciplina, concordamos com Aquino (1996b) quando pergunta se a indisciplina não estaria indicando, também, uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular nas, relações professor-aluno? Não estaríamos diante de um novo sujeito histórico, que se recusa às práticas fortemente arraigadas no cotidiano escolar, assim como uma tentativa de apropriação da escola, de outra maneira, mais aberta, mais fluída, mais democrática? Ainda, citando considerações de Aquino (1998, p.204):

“Precisamos tornar o nosso ofício como um campo privilegiado de aprendizagem, de



investigação de novas possibilidades de atuação profissional. Sala de aula é laboratório, sempre! Não é o aluno que não se encaixa no que nós oferecemos; somos nós que, de certa forma, não nos adequamos às suas possibilidades. Precisamos, então, reinventar os métodos, precisamos reinventar os conteúdos, em certa medida, precisamos reinventar nossa relação com eles, para que se possa, enfim, preservar o escopo ético do trabalho pedagógico”.

A questão da disciplina envolve, portanto, uma nova postura frente do ato pedagógico: competências múltiplas que transcendem o domínio de conhecimentos ou a capacitação científica – condição importante, mas não suficiente para que ocorra a aprendizagem; implicando assim num repensar de sua formação profissional, envolvendo todo um conjunto de habilidades decorrentes da sua formação técnico-científica, pedagógica e política (DIAS, 2001).

Um outro aspecto que poderá influenciar, significativamente, o processo educativo desenvolvido na instituição escolar, diz respeito à visão dos diferentes elementos da comunidade escolar (professores, técnicos, pais e alunos) sobre as causas da indisciplina. Assim sendo:

“Entendemos que é necessário identificar, principalmente, os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifestas pelos educadores, que acabam por revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas visões sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo, e como decorrência, o papel desenvolvido pela escola” (REGO, 1995 apud REGO, 1996, p.87).

Isto nos remete a pensar sobre a necessidade de maior conhecimento acerca do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que o



professor deverá ter para uma contextualização mais adequada dos comportamentos de (in)disciplina. Assim como diz Piaget (1998, p.181):

“Mas, ainda que fôssemos educadores até a medula dos ossos, é preciso conhecer não apenas as matérias que ensinamos, mas também a própria criança, a quem nos dirigimos, ou o adolescente: em suma, o aluno enquanto ser vivo, que reage, se transforma e se desenvolve mentalmente segundo leis tão complexas como as de seu organismo físico”.

E, quanto a isto, não temos dúvida da grande contribuição piagetiana que a Psicologia e a Epistemologia Genéticas fornecem para a educação com suas pesquisas da cognição humana.

### 3. CONCLUSÕES

Ressaltamos, portanto, a importância do professor refletir, continuamente, sobre a sua prática pedagógica, podendo encontrar, muitas vezes, explicações e soluções para os problemas que surgem no seu cotidiano escolar, resultando, também, em benefícios para a relação professor-aluno e a indisciplina em sala de aula.

Ainda, dentro deste processo de investigação, o mesmo poderá ser enriquecido com aspectos apontados por seus alunos sobre o seu fazer pedagógico. É preciso, portanto, que todos os envolvidos com a questão da indisciplina, repensem o seu papel.

As palavras de Vasconcellos (1997, p.241) vêm corroborar as nossas expectativas a serem alcançadas neste processo de reflexão, mesmo que não de imediato, mas com grandes chances de ocorrer:

“A sala de aula e a escola não estão desvinculadas da problemática do resto da comunidade e da sociedade, porém têm



uma autonomia relativa. De imediato, eu não tenho condições de mudar as pessoas e/ou o mundo; entretanto, de imediato, eu posso mudar a maneira de me relacionar com as pessoas e com o mundo!  
Isto não é tudo, mas é um passo importante e de minha responsabilidade!”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996b.

\_\_\_\_\_. A indisciplina e a escola atual. **Revista Faculdade de Educação**, jul./dez. 1998, v.24, n.2, p.181-204.

DIAS, C.L. **Avaliação da capacitação pedagógica do docente de ensino superior através de uma escala de atitudes**. Marília, 2001. 262f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

PAPPA, J.S. **A (in)disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental**. Marília, 2003. 171f. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

PIAGET, J. A pedagogia moderna. In: PARRAT, S. & TRYPHON, A. (Org.). **Jean Piaget – sobre a pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p.181-190.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J.G. (Org.). **Indisciplina na escola: 72** Associação Cultural e Educacional de Garça alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, p.83-101.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Série Idéias, n.28. São Paulo: FDE, 1997, p.227-252.

